



Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão

Dialogue between bible's tradition and the environment christian theological discourse construction

Maristela Oliveira de Andrade *
Amelia Ferreira Martins Limeira **

Resumo : A tradição bíblica tem inspirado leituras e interpretações ecológicas por parte de teólogos de vertentes cristãs diversas, dentre os quais podemos destacar: Carriker, Reimer, Schaeffer e Stott. O objetivo deste artigo é apresentar alguns textos das Escrituras Sagradas judaico-cristãs e o modo como estes têm sido interpretados por teólogos cristãos vinculados à vertente reformada à luz de uma leitura ecológica. Um corte epistemológico foi feito reconhecendo nestes teólogos posições ideológicas heterogêneas a fim de preservar a re(leitura) dos textos bíblicos escolhidos sob a perspectiva ecológica. White Júnior (1967), historiador americano, escreveu um artigo em que responsabilizava o Cristianismo pela crise ambiental. Este discurso tem sido confrontado ao longo das últimas décadas por várias vertentes cristãs e os teólogos escolhidos para o diálogo neste artigo defendem posições contrárias ao que foi declarado por White Júnior, à época. O caminho para o diálogo entre esses teólogos foi buscado a partir da concepção de que o discurso é uma construção social (Foucault, 2009). A partir da análise dos diálogos estabelecidos entre os teólogos escolhidos e suas re(leituras) dos textos bíblicos é possível concluir que esta nova teologia tem o papel de conscientização, como resposta à crise ambiental, no âmbito das igrejas evangélicas.

Palavras-Chave: Discurso. Ecologia. Bíblia. Teologia.

Abstract: The biblical tradition has inspired environmental readings and interpretations by Christian theologians of various aspects, among which we highlight: Carriker, Reimer, Schaeffer and Stott. The aim of this paper is to present a brief overview of the Judeo-Christian Scriptures and how they have been interpreted by Christian theologians linked to strand reformed in the light of an ecological reading. An epistemological cut was made recognizing these theologians and their heterogeneous ideological positions in order to preserve the re(read) of the biblical texts chosen under the ecological perspective. White Jr. (1967), American historian, wrote an article that blamed Christianity for the environmental crisis. This speech has been confronted over the past several decades by the Christian spectrum and the theologians chosen for dialogue in this article advocate contrary positions to what was stated by White Jr., at the time. The path to the dialogue between these theologians was sought from the idea that speech is a social construction (Foucault, 2009). From the analysis of the dialogue established between the theologians and their chosen re(readings) biblical texts is possible to conclude that this new theology has the role of awareness in response to environmental crisis within the evangelical churches.

Key-words: Speech. Ecology. Bible. Theology.

Comunicação submetida em 15 de dezembro de 2011 e aprovado em 13 de maio de 2012.

* Doutora em Doctorat de Troisieme Cycle. Professora Associada da UFPB. País de origem: Brasil. E-mail: andrademaristela@hotmail.com

** Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela UFPB. País de origem: Brasil. E-mail: missionaria_amelia@hotmail.com

Introdução

Este artigo foi construído (compilado) a partir de um dos capítulos da dissertação de mestrado¹ e pretende apresentar algumas contribuições da tradição discursiva bíblica na construção de um discurso teológico ambiental, considerando a visão de alguns teólogos dentre os quais é possível citar: Carriker, Reimer, Schaeffer e Stott. As análises visaram possibilitar a compreensão de como esses teólogos estão construindo uma nova teologia com ênfase na dimensão ambiental a partir das Escrituras Sagradas judaico-cristãs e a repercussão dessa visão na comunidade cristã evangélica.

A Eco(Teo)logia foi apresentada, na dissertação, como uma proposta interdisciplinar que possibilitou a tessitura de um novo texto a partir dos discursos científico e religioso integrando a Ecologia e a Teologia para uma reflexão sobre o meio ambiente e sua problematização. Dessa maneira, ela vem propor uma transição de paradigmas no campo da teologia visando a re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador.

A compreensão dos teólogos cuja abordagem está focada na Eco(Teo)logia é de que a espiritualidade pode ser um instrumento para a conscientização ambiental e assim contribuir para a formação de uma nova consciência e engajamento ecológicos por parte da Igreja Evangélica.

A contribuição da tradição discursiva bíblica na construção de um discurso teológico ambiental foi atualizada com as leituras das tradições da criação, da destruição e da restauração, encontradas respectivamente nos livros de Gênesis e Apocalipse das Escrituras Sagradas judaico-cristãs.

O diálogo entre a Tradição Discursiva Bíblica e o Discurso Ambiental, apesar de sua aparente heterogeneidade, tem sido viabilizado no meio acadêmico desde que a crise socioambiental assumiu destaque internacional. As tradições católicas e reformadas se amparam no discurso bíblico, entretanto, a segunda é particularmente mais afinada com a literatura bíblica como instrumento de orientação da vida prática do cristão por ser considerada sua regra de fé e prática. O discurso teológico ambiental considera a

¹ “Eco(Teo)logia: O discurso teológico ambiental e sua prática na comunidade evangélica batista da cidade de Cabedelo, PB”, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente-UFPB, em 2011.

Espiritualidade² como um meio para atingir a raiz desta crise (WHITE JR, 1967; BOFF, 2003) e enseja uma nova consciência voltada para melhorar as relações entre o homem, o Criador e a criação.

Para a análise discursiva, o *corpus* da pesquisa foi definido a partir da representação de alguns excertos sobre as tradições da criação sob o prisma judaico-cristão encontrados nas narrativas da criação no livro de Gênesis; nas narrativas do livro de Jó no Velho Testamento; na carta do apóstolo Paulo aos Romanos e nas narrativas da destruição/restauração no livro de Apocalipse no Novo Testamento.

A nova teologia, de viés ambiental, será analisada considerando os discursos de alguns teólogos cristãos, especialmente os da vertente evangélica ou reformada, que se reportaram aos textos bíblicos para fundamentar um pensamento ecológico.

O diálogo entre estes interlocutores (Carriker, Reimer, Schaeffer e Stott, dentre outros) e seus discursos será considerado como o espaço interacional onde a linguagem é valorizada e onde se evidencia a preocupação com a dimensão histórico-ideológica. Para Aldrigue & Alves (2004), a discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra oferece elementos para uma reflexão sobre os gêneros do discurso e a interdiscursividade, como condição de linguagem, que se transforma com a mudança da sociedade e dos homens.

Poderão ser apontados os limites entre estes discursos de maneira a preservar a singularidade de cada interlocutor diferenciando seu domínio, método, instrumentos e aplicação, apesar do reconhecimento de que os discursos se movem em direção uns aos outros e que sempre estão atravessados por vozes que os antecederam e com quem mantêm duelos ou diálogos, ora legitimando-os, ora confrontando-os. (FOUCAULT, 1972; ORLANDI, 1988)

Compreendendo a ampla dimensão da Análise do Discurso e suas representações históricas e que os discursos que permeiam a sociedade são controlados, selecionados, organizados e redistribuídos, sendo perpassados por formas de poder e de repressão, é preciso dizer que a linha de orientação seguida para esclarecer, sustentar ou ilustrar as

² A Espiritualidade é uma dimensão da pessoa humana que traduz, segundo diversas religiões e confissões religiosas, o modo de viver característico de um crente que busca alcançar a plenitude da sua relação com o transcendental. (Disponível em: <angelalins.com/psicologia/index.php/.../psicologia-e-espiritualidade>. Acesso em: 22 out. 2011)

ideias aqui colocadas foi aquela da matriz francesa e a perspectiva histórico-social de discurso de Michel Foucault (1972, 2009).

Os princípios da Hermenêutica foram utilizados para classificar e ordenar os textos bíblicos, respeitando as suas características. Suas normas ou regras regem a interpretação do texto bíblico e incluem os tópicos das análises histórico-cultural, léxico-sintática, contextual e teológica, além das regras especiais para o estudo de parábolas, alegorias, tipos e profecias. (VIRKLER, 2001)

Com as re(leituras) fornecidas pelos teólogos visando uma abertura para uma cosmologia cristã da criação em face das ameaças à vida, oriunda da crise ambiental, funda-se uma nova racionalidade no âmbito teológico, a partir do discurso bíblico, para fomentar novas práticas no enfrentamento da crise. Trata-se do que Foucault denomina de “a demarcação de um tipo novo de racionalidade e de seus efeitos múltiplos”. (1972, p. 11)

As fontes utilizadas para a análise dos textos bíblicos foram as edições em língua portuguesa traduzidas por João Ferreira de Almeida: a Bíblia de Estudo de Genebra, edição revista e atualizada; a Bíblia de Referência Exaustiva Thompson, edição revista e corrigida; e a corrigida e revisada, fiel.

A proposta deste artigo é apresentar uma convergência no diálogo entre essas esferas de discurso a partir de uma re(leitura) da Bíblia, em especial as narrativas e tradições da criação, e sua apropriação pelo discurso teológico, visando a compreender como os textos bíblicos podem contribuir para a construção de uma teologia de inspiração ecológica (REIMER, 2006).

1 As trilhas literárias bíblicas e sua discursivização ecológica

A tradição judaico-cristã considera a Bíblia Sagrada como um livro que oferece perspectivas, atitudes e valores que dizem respeito à relação entre a humanidade e todo o mundo criado, ou seja, pode apresentar uma base para avaliar a retórica ecológica em todas as suas dimensões - a sua relação e dependência da criação; e sua relação e dependência de Deus - presente em toda sociedade contemporânea e especialmente difundida nos meios de comunicação.

A Igreja Cristã, desde o começo, ensinava a doutrina da criação como um ato livre de Deus e essa doutrina foi aceita com singular unanimidade. A opinião comum da igreja era a de que os dias da criação eram literais; entretanto, para Agostinho, a ideia de dias foi simplesmente introduzida para auxiliar a inteligência finita do homem, acreditando que o mundo havia sido criado num momento de tempo junto com o próprio tempo, sendo talvez necessário concebê-los como diferentes dos nossos dias atuais. (BERKHOF, 1990)

Segundo Von Rad (1973), a narrativa sacerdotal da criação quer transmitir, não apenas conhecimentos teológicos, mas também, conhecimentos naturais. É uma das razões que fornecem subsídios para apresentar a possibilidade de uma discursivização ecológica nas trilhas literárias bíblicas.

2 As narrativas da criação no livro de Gênesis

A narrativa bíblica da criação apresenta a superação de tensões, entre humanidade e natureza, e oferece caminhos para um viver harmonizado com Deus, com o outro e com a natureza. Com o ato de criar, Deus permanece junto à sua criação, sustentando e se relacionando com toda a obra criada. Sendo assim, a criação está toda interligada, numa relação de interdependência, Deus-Terra-Humanidade.

Segundo Schaeffer (1976, p. 89):

os cristãos, em cada uma das alienações conseqüentes da queda, individual e corporativamente, deveriam ser conscientemente, na prática, um fator de cura ou reconciliação do homem com Deus, do homem com o próximo, do homem consigo mesmo, do homem com a natureza e da natureza consigo mesma.

Os relatos sobre a criação em Gênesis 1 e 2 têm sido leitura obrigatória para aqueles teólogos que querem fundamentar a responsabilidade do homem para com a criação como também para explicar as razões bíblico-teológicas pelas quais o mundo tem passado por tantos problemas ambientais. A noção de criação significando a esfera da natureza se insere na reflexão dos teólogos que procuram manifestar uma nova compreensão dessa narrativa, como resposta aos críticos ambientalistas e ao historiador americano White Jr (1967 *apud* ANDRADE 2003), que apontam a responsabilidade da narrativa do Gênesis como

justificadora das ações humanas de dominação, cujos efeitos são destrutivos, sobre a natureza.

Deus entregou o domínio da natureza ao homem, mas isso não quer dizer que ela pertença ao homem, uma vez que pertence a Deus, cabendo ao homem sua utilização e a compreensão dos limites de sua responsabilidade. O importante é destacar o lugar adequado dos humanos dentro de toda a casa da criação. (SCHAEFFER, 1976; OLIVEIRA, 1994)

No interstício entre os capítulos 1:1 e 2:4 do livro de Gênesis é apresentada a ordem criada como o resultado da atividade intencional da parte do Deus único. Cada criatura tem seu lugar neste mundo com dignidade própria, dada por Deus para assegurar que toda a criação é boa, complexa e apropriada para seu propósito. Os seres humanos ocupam um lugar único entre as criaturas. Feitos à imagem e semelhança de Deus, recebem a ordem de dominar e subjugar a terra. Semelhantemente a Deus, os seres humanos têm a capacidade de tomar decisões que afetam positiva ou negativamente a terra e seus moradores. Receberam a terra toda para sustentá-los e não o contrário, contudo é obvio que o domínio sábio será necessário para que da terra os seres humanos extraiam sustento. (HOUSE, 2005)

A ideia de sábio domínio procura neutralizar o comando de subjugar a terra, já que naturalmente não significa promover ações destrutivas; contudo tal leitura de Gênesis conserva uma visão de centralidade do homem no conjunto da criação, que constitui o cerne da crítica dos ambientalistas, quando consideram o Cristianismo como uma religião antropocêntrica.

O primeiro capítulo de Gênesis tem sido reiteradamente cooptado para legitimar um domínio utilitarista dos humanos sobre a criação. Diante de novos desafios na lógica de um pensamento ecológico, é importante redescobrir e reler esse texto - a exegese e a hermenêutica bíblicas são coadjuvantes nesta leitura - de forma não antropocêntrica, teocêntrica ou egocêntrica, mas ecocêntrica, isto é, tomando a casa da criação e suas intro-retro-relações como ponto de partida e referencial nesta leitura. (Reimer, 2006)

Oliveira (1994) e Reimer (2006) são unânimes em defender que os binômios sujeitar-dominar e cultivar-guardar têm desempenhado um papel importante na auto-compreensão dos homens no mundo. O texto ordena que os humanos devem cuidar de toda

a criação, não destruir a natureza criada por Deus, mas mantê-la em suas bases de sustentação e no seu próprio ciclo de vida.

Entretanto, para Lopes Júnior (2010, p. 82), o texto bíblico em sua versão original não expressa qualquer ambiguidade ou ambivalência que possam contribuir para a “não compreensão” sugerida por Oliveira e Reimer no parágrafo anterior. Para a expressão “sujeitar a terra” o texto em hebraico³ utilizou o verbo “kabash” e para dizer “dominar as criaturas” o verbo “radah”. Esses verbos, sempre que são empregados no Velho Testamento, significam “submeter, subjugar, dominar.”

Lopes Júnior (2010, p. 82) complementa seu raciocínio se remetendo ao Novo Testamento⁴ para esclarecer que:

o evangelho de João mostra claramente o sentido que Jesus dava às palavras ‘submeter, subjugar e dominar’ e que isto pode ser exemplificado no texto de João 13 quando Jesus, depois de lavar os pés de seus discípulos, lhes diz: ‘Vocês me chamam de Mestre e Senhor, e dizem bem, porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, lavei os pés de vocês, de igual forma vocês também devem lavar os pés uns dos outros.’ Para Jesus, segundo Lopes Júnior, os termos ‘submeter, subjugar e dominar’ estão estreitamente relacionados com o cuidado com o outro e com a humanidade.

Deus deu ao homem domínio sobre a terra e este domínio é corporativo, delegado, responsável e genérico, ou seja, inerentes ao homem e à mulher. Somente os dois juntos realizam a primeira ordenança de Deus, e nenhum dos dois, sozinho, é capaz de realizá-la. A ordem de domínio dada por Deus em Gênesis 1.28 precede a queda do homem. A partir deste momento, o homem perde a capacidade de cumprir a ordem de Deus e o caos volta a ser estabelecido no mundo. (STOTT, 2010; CARRIKER, 2010)

A leitura, a observação e a análise dos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis, ícones da narrativa bíblica da criação, realizada sob a perspectiva ecológica pelos teólogos escolhidos neste artigo, apontam para uma singularidade: A criação toda, inclusive a humanidade, encontra seu propósito em dar glória a Deus. Ele expressa a sua soberania sobre a criação através de dois atos: o ato de criar e o ato de designar o lugar (função) e o nome (propósito) de cada elemento. (CARRIKER, 2010)

³ Disponível em <http://www.abiblia.org/bibliaHebraico.asp>

⁴ BÍBLIA SAGRADA (Edição Revista e Corrigida). Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

Cavalcanti (2000) amplia a visão de Carriker (2010), com referência ao versículo 28 quando diz que:

o mandato cultural inclui: 1) sexualidade, família, organização social – “Sede fecundos”; 2) uso dos recursos naturais, relação com o meio ambiente, economia – “enchei a terra”; 3) conhecimento, experimento científico, tecnologia – “sujeitai-a”; 4) Governo, legislação, justiça social – “dominai”.

Sobre o Mandato Cultural, Stott (2010) diz que:

o Mandato Cultural (Gênesis 1:26-28) possui três características: a primeira é a nossa relação com Deus, a segunda é a nossa relação uns com os outros, e a terceira é nossa relação com a terra e suas criaturas. A negligência do mandato cultural tem feito com que a terra seja entregue nas mãos dos que não tem nenhum temor a Deus, nenhum respeito ao próximo, e nenhum cuidado com a nossa casa, que é o planeta e a sua maravilhosa natureza.

Carriker (2010) argumenta ainda que o ser humano faz parte da criação e é dependente dela. O ser humano vive dentro de um contexto de interdependência com a criação. Desde o início, nossa sorte está ligada ao solo, e por sua vez, a sorte do solo está ligada a nós.

Ainda que não haja uma unanimidade na leitura e interpretação da narrativa bíblica de Gênesis 1:28 e Gênesis 2.15 por parte dos teólogos católicos e evangélicos, eles apontam para a mesma direção: Deus delegou ao homem responsabilidades morais e éticas para lavar e guardar o planeta como um patrimônio desta e das futuras gerações.

Embora os dois primeiros capítulos do livro de Gênesis sejam o grande norteador de toda exegese bíblica sobre a ética da criação do mundo e sobre a responsabilidade humana sobre os seus cuidados, outros textos bíblicos incluindo as narrativas deuteronômicas, proféticas, poéticas, epistolares e os evangelhos são destacados a seguir com o objetivo de apresentar o texto bíblico em sua unidade integral e como base para a construção de um discurso ecológico.

3 As narrativas veterotestamentárias

As narrativas sobre a criação do livro de Gênesis atribuem a criação de todas as coisas à pessoa de Deus e possibilitam uma leitura ecológica das Escrituras Sagradas,

segundo a tradição judaico-cristã. Ainda no Velho Testamento, é possível encontrar outros textos bíblicos que recomendam o cuidado e a proteção do meio ambiente.

No livro de Deuteronômio são encontradas algumas passagens interessantes e dentre elas, serão citadas três: Os versículos 6 e 7 do capítulo 22 orienta sobre o modo de lidar com pássaros e ninhos de aves quando se recomenda tomar posse somente dos filhotes, deixando voar em liberdade a mãe-pássaro. No capítulo 20:19-20 o desmatamento de árvores frutíferas é interdito e no capítulo 23:13-15 é dada a recomendação de procedimentos de higiene e saneamento na vida do acampamento e das cidades israelitas.

Com o propósito de promover uma síntese da análise teológica nas narrativas da criação no livro de Jó, são destacados os capítulos e versículos 28:25-26; 38-42; 33-41. Para o autor do livro de Jó, somente Deus possui a compreensão da sabedoria porque só Ele criou forças misteriosas como o vento, água, relâmpagos e trovões. O livro de Jó também constitui bom espaço para uma leitura ecológica, a partir do questionamento de Jó a Deus sobre sua capacidade de gerenciar a criação, desencadeando uma resposta divina em que se descortina toda a complexidade das relações no espaço da criação e apresenta um Deus que se alegra e cuida da criação “independentemente” da sua importância para os seres humanos (HOUSE, 2005; REIMER, 2006; CARRIKER, 2010).

Os textos bíblicos do Velho Testamento utilizados pelos teólogos escolhidos procuram demonstrar Deus como criador supremo de todas as coisas e como aquele que confiou ao homem a responsabilidade pelo cuidado e pelo zelo de sua criação.

4 As narrativas neotestamentárias

O pressuposto da criação como obra de Deus, sob a perspectiva judaico-cristã, perpassa as Escrituras Sagradas. No Novo Testamento, quer nos Evangelhos, no livro de Atos dos Apóstolos ou nas cartas Paulinas, apresenta-se a questão da terra, da água, do trabalho escravo e da necessidade de refazer a vida de maneira significativa procurando estabelecer uma contextualização de paradigmas e posturas ecologicamente corretas.

Sobre o capítulo 8 de Romanos, Carriker (2010, p.5) comenta que:

aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (v.14). Como filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (v.17). O texto bíblico

fala de uma herança “gloriosa”, (v.18), mas imediatamente vincula a nossa glória eterna, em contraste com o sofrimento atual, com a sorte da criação toda (v.19-25). A “liberdade” e a “glória” futuras dos cristãos estão vinculadas àquelas da criação porque o cuidado da criação é incumbência humana desde o início e, por isso, é inseparável também do destino dos cristãos.

Com base nos princípios da Hermenêutica, em Romanos 8:17-26 foi possível depreender que a glória a ser revelada (v. 18) aparecerá quando os filhos de Deus forem revelados em sua nova natureza (v. 19), e a criação será libertada de seu presente estado de imperfeição e declínio (v. 20, 21). A revelação dessa glória fará mais do que extinguir o dano e a perda (v. 20) que a ordem criada sofreu em resultado da queda de Adão (Gênesis 3:17). A regeneração de todas as coisas (Apocalipse 21) na ordem criada corresponde a liberdade na glória (v. 17-18) a ser desfrutada pelos filhos de Deus. A atual condição da criação não é sua condição final, pode, antes, ser comparada como uma mãe que geme com as dores do parto. A criação inteira tem um destino planejado por Deus e deseja ardentemente que seja cumprido, tal como sucede aos próprios crentes (v. 23-26).

A igreja, em particular, tem a incumbência de desencadear a libertação da criação. A Bíblia na Linguagem de Hoje diz no versículo 22 de Romanos 8 que “um dia o próprio Universo ficará livre do poder destruidor que o mantém escravo e tomará parte na gloriosa liberdade dos filhos de Deus”. A renovação do mundo é uma parte integrante da esperança na tradição judaico-cristã e a criação, que está sofrendo, tem a expectativa de que o poder de Cristo a liberte do sofrimento e das amarras da opressão. Isso remete para a noção de nova criação e adquire significado antropológico e dimensão cosmológica. Sua esperança repousa na fidelidade do Deus que os amou tanto que lhes deu o Seu Filho. (REIMER, 2006)

Assim, essa teologia deve atentar para o grito e o gemido de dor do mundo (Romanos 8.22) por causa das constantes agressões que sofre. Essa destruição da natureza, que gera a crise ecológica na qual estamos inseridos, tem origem nas sociedades industriais e há uma dupla responsabilidade, pois foi provocada tanto pelo cristianismo quanto pelas ciências da natureza. (Costa Júnior, 2008, p. 80-84)

Quando Carriker (2010) compara a teologia de Paulo com a teologia prática da “redenção” da criação identifica os cristãos com essa teologia e declara que a “criação aguarda com grande expectativa a manifestação dos filhos de Deus”. Com isso, ele

pretende instar a igreja a se envolver não somente com a preservação do meio ambiente, mas que auxilie a sociedade em sua transformação.

O que Paulo está dizendo, segundo Schaeffer (1976), é que quando nossos corpos – corpos humanos – forem levantados dentre os mortos, então a natureza também será redimida para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus porque o sangue do cordeiro redentor, Jesus Cristo, remirá o homem e a natureza.

A narrativa da criação se inicia com: no princípio criou Deus os céus e a terra, e historicamente, terá seu fim na consumação dos tempos, exatamente no fim, por isso, ela se mantém como um sistema aberto ao futuro (MOLTMANN 1979). Assim, a teologia tem que falar da criação não só no começo, mas, também, na história e ao final, isto é, olhando o processo total da criação de Deus que compreende o criar inicial, o criar histórico e o criar escatológico. A criação original aponta para a história da salvação e ambas apontam para o reino da glória

A esperança, para a tradição judaico-cristã, profetizada em Romanos 8:22, pode ser comparada com o “sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos” (FOUCAULT, 2009, p. 23). O autor do Apocalipse anuncia que esta esperança já começou a se realizar: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1).

5 As narrativas da destruição/restauração no livro de Apocalipse

As narrativas da destruição/restauração no livro de Apocalipse apresentam o final da criação de Deus como um evento único e universal em que novos céus e novas terras serão criados.

Segundo Reimer (2006), o autor do livro de Apocalipse faz uma re(leitura) do Gênesis apontando para a expectativa de que a salvação vem da certeza de que Deus pode recriar todas as coisas: todas as coisas serão recriadas (Apocalipse 21 e 22). Num contexto sócio-histórico hostil, as comunidades cristãs reinterpretem tradições profético-apocalípticas dentro de um horizonte histórico-salvífico.

As igrejas da Ásia Menor, citadas no Apocalipse, viviam um contexto de opressão política, de exploração econômica e de discriminação religiosa – o ressurgir do caos

original. Os textos apocalípticos relêem e reescrevem a tradição da criação na expectativa de novos céus e nova terra.

A igreja hodierna aguarda o cumprimento da narrativa profética do Apocalipse considerando que a Escritura Sagrada, como concebida pela tradição cristã, viu cumpridas as narrativas mosaicas, históricas, poéticas, sapienciais, proféticas e evangelísticas durante a história da humanidade até os dias atuais e permite-se “dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado” (Foucault, 2009, p. 25-26).

Na visão apocalíptica de João ele diz: “Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia.” Isto significa, na opinião de Carriker (2011), os mesmos céus e terra renovados e compara à transformação que Cristo opera em homens e mulheres não fisicamente, mas interiormente.

Para Carriker (2011), os textos de 2 Coríntios 5:17 e Gálatas 6:15 explicam a diferença entre “nova criação” e “novas criaturas”, ou seja, pessoas recriadas e renovadas, porém com os mesmos corpos. O mesmo, segundo ele, se aplica a toda à criação. Para que haja a renovação da criação, Deus chama os cristãos para evangelizar e é Ele quem salva, chama os cristãos para renovar a criação, mas não deixa de ter a autoria sobre o novo céu e a nova terra. Através da salvação trazida por Jesus, a própria Criação será redimida, por isso o povo de Deus, a igreja, tem relevante papel na redenção da criação.

De acordo com Schaeffer (1976, p. 75),

O chamamento atual do cristão e da comunidade cristã, por parte de Deus, no tocante à natureza [...] é para que demonstremos uma cura substancial aqui e agora, entre o homem e a natureza, e a natureza consigo mesma, até onde os cristãos possam conseguir que isto assim seja.

É possível inferir que, no entendimento de Carriker acerca do que disse Schaeffer, uma missiologia que leva a sério o papel criador de Deus, que age dentro da história humana, compreenderá o seu destino também dentro duma história e dentro dum mundo ainda em construção por Deus.

Para Schaeffer, “de acordo com o ponto de vista cristão das coisas, a natureza é restaurada à sua verdadeira posição”. (SCHAEFFER, 1976, p. 99).

Dialogando com Schaeffer, Carriker (2011) entende que a visão apocalíptica da criação pressupõe não apenas o seu julgamento (2 Pedro 3:1-12), mas também e, por último, a sua renovação (2 Pedro 3:13). Para ele, Deus estabelecerá um novo céu e nova terra, que serão exemplificados pela justiça, paz e compaixão por meio do Redentor Jesus. Com o pecado Deus expulsou o homem do jardim, com a redenção Deus recebe de volta o homem no jardim. Na visão final de João, o jardim se tornou uma praça da Nova Jerusalém, onde a árvore da vida está no meio e suas folhas curam os povos (Apocalipse 21:1-5). Jesus é a porta de entrada para o jardim ou a praça da nova cidade.

Os últimos parágrafos podem ser relacionados e sim apresentar a ideia de que existe uma expectativa por parte dos cristãos de novos céus e nova terra sendo renovados por Deus por uma humanidade regenerada em seus valores morais e princípios éticos. A criação passa pelo processo de destruição para culminar com a sua restauração.

Conclusão

Os diálogos estabelecidos entre os teólogos escolhidos e a apresentação de algumas de suas re(leituras) dos textos bíblicos forneceram uma compreensão acerca da necessidade de pensar uma nova teologia como resposta à crise ambiental.

A Eco(Teo)logia considera que a espiritualidade genuína está ligada à vida, que o planeta Terra é a casa da humanidade e que é preciso cuidar dele como uma casa comum, que a falta de preocupação com a Terra mostra falta de amor ao próximo, e que a falta de amor ao próximo significa falta de amor a Deus. Esta Teologia tem o intuito de sensibilizar o cristão para promover uma consciência ambiental com base na tradição bíblica da criação.

A Igreja Cristã, crendo nas verdades decorrentes da re(leitura) ecológica das Escrituras Sagradas judaico-cristãs, pode aplicá-las de modo prático e global para minimizar os efeitos destrutivos previstos pela Ecologia, entretanto, a menos que exista um relacionamento ético entre Deus e os homens, parece inviável que as pessoas passem a agir como representantes ou mordomos de Deus na terra. (SCHAEFFER, 1976; HOUSE, 2005).

A perspectiva ecológica deve ter presença assegurada na leitura da Bíblia, e em especial, as narrativas e tradições da criação, buscando sempre uma integração entre o grito dos pobres e o gemido da criação questionando se, e como, textos bíblicos podem

contribuir para a construção de um novo paradigma teológico orientado para uma ética ecológica. O ecológico é tema emergente na produção teológica ocidental e de abordagem interdisciplinar. A humanidade precisa viver uma transição de paradigmas e encarar diuturnamente as consequências da depredação ambiental gradual e cada vez mais progressiva através da re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador. (BOFF, 1999; REIMER, 2006; COSTA JR, 2008; LOPES, 2010)

Considerando as origens históricas, morais e espirituais dos problemas ambientais vivenciados nesta geração e que a solução passa pela transformação interior das pessoas, uma mudança de mentalidade com relação a Deus, ao próximo e à natureza é possível perceber que as trilhas literárias bíblicas podem apontar uma resposta à crise ecológica se uma re(leitura) eco(teo)lógica puder ser experimentada e transmitida. (LOPES, 2010)

Finalmente, foi possível conceber a tradição literária bíblica como uma base epistemológica para a construção do discurso teológico ambiental cristão e sua prática junto à comunidade evangélica. A repercussão dessa nova teologia em outros seguimentos da sociedade, em resposta à crise ambiental, tem mobilizado os cristãos para a construção de uma relação mais harmoniosa entre a humanidade e as demais criaturas que compõem a criação.

REFERÊNCIAS

ALDRIGUE, Ana Cristina e ALVES, Eliane Ferraz (org). **Diálogos Heterogêneos**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2004.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1995.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA EXAUSTIVA THOMPSON. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 1996.

BÍBLIA ON LINE. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição corrigida e revisada, fiel. Disponível em <http://www.chamada.com.br/biblia/index.php>. Acesso em 30 set. 2011.

BÍBLIA NA LINGUAGEM DE HOJE (A). Edição Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1970.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar – Ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Leonardo. Espiritualidade. In: **Meio Ambiente no Século 21**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

CARRIKER, Timóteo. **Fé e Missão: Reflexões**: sobre o engajamento bíblico e missionário da igreja. Disponível em: <<http://missao.info>>. Acesso em: 02 set. 2010.

CARRIKER, Timóteo. Estudos Bíblicos: Missão Integral e Mordomia da Criação. In: **Educação Ambiental e Mobilização Social nas Igrejas Evangélicas Brasileiras**. A Rocha Brasil. Disponível em: <<http://migre.me/8JwzM>>. Acesso em: 18 abr. 2011.

CAVALCANTI, Robinson. **A redenção da cultura**. Disponível em: <<http://www.ultimato.com.br>>. Acesso em: 04 fev. 2011.

COSTA JÚNIOR, Josias da. **Espírito e natureza na teologia de Jürgen Moltmann**. Revista Caminhando v. 13, n. 22, jul-dez 2008 p 80-84

COSTA JÚNIOR, Josias da; Bingemer, Maria Clara Lucchetti. **O Espírito criador**. A ecologia na teologia trinitária de Jürgen Moltmann. Rio de Janeiro, 2008. 242 p. Tese de Doutorado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

MILLARD, J. Erickson. **Conciso Dicionário de Teologia Cristã**. Rio de Janeiro: Editora Juerp, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**/tradução de Luiz Felipe Baeta Neves, revisão de Lúcia Vassalo/Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HOUSE, R. Paul. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

LOPES, Augustus Nicodemus Gomes. **Ecologia: Uma Perspectiva Cristã-Reformada**. Disponível em: <<http://www.mackenzie.br>>. Acesso em: 07 abr. 2011.

LOPES JR, Orivaldo Pimentel. **Ser Humano e Natureza na Teologia Cristã: Quando fizestes a um lençol freático, a mim me fizestes**. Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.79-87, abr./jun. 2010.

OLIVEIRA, Paulo F. **Uma Sinfonia para a Vida**. São Paulo: ABU Editora, 1994.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

REIMER, Haroldo. **Paz na Criação de Deus – Esperança e Compromisso**. Estudos Teológicos São Leopoldo v. 51 n. 1 p. 138-156 jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.est.edu.br/periodicos>>. Acesso em: 30 set. 2011.

REIMER, Ivoni Richter. Criação e Bíblia. In: **Curso de Verão Ano XX: Ecologia: Cuidar da Vida e da Integridade da Criação**. São Paulo: CESEP: Paulus, 2006.

SCHAEFFER, Francis. **Poluição e a Morte do Homem – Uma perspectiva Cristã da Ecologia**. Rio de Janeiro: Juerp, 1976.

STOTT, John. **A Missão Cristã no Mundo Moderno**. Viçosa: Ultimato, 2010.

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica Avançada: Princípios e Processos de Interpretação Bíblica**. São Paulo: Editora Vida, 2001.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**, v 1. São Paulo: Editora Aste, 1973.

WHITE JR, Lynn. As raízes históricas de nossa crise ecológica. In: ANDRADE, Maristela Oliveira de. **Milenarismos e Utopias: A busca do Quinto Império**. João Pessoa: Ed. Manufatura, 2003.